

A110.910

RURAL FONE
SEU BANCO NA
PONTA DOS DEDOS
Banco
RURAL

PIB

Negócios & FINANÇAS

Rio de Janeiro — Quinta-feira, 23 de setembro de 1993

ÍNDICE

Paraguai e o Mercosul.....	2
Incentivo à tecnologia.....	3
Poupança rende mais.....	4
Casa própria.....	5
Câmbio e ágio do dólar.....	6
GM investe no Brasil.....	7
Negócios.....	8

Não pode ser vendido separadamente

PIB cresceu 5,49% no 1º semestre

■ Resultado, o melhor dos últimos cinco anos, deve se repetir até o fim de 1993, segundo projeção feita por diversos economistas

A economia brasileira pisou no acelerador no primeiro semestre. O Produto Interno Bruto (PIB) — soma de todos os bens e serviços produzidos no país — registrou um crescimento de 5,49% no período, de acordo com o levantamento do IBGE, divulgado ontem. Esse resultado altamente positivo — o melhor dos últimos cinco anos — se deveu, principalmente, ao desempenho da economia no primeiro trimestre, que cresceu 4,21%, já que o segundo trimestre — com expansão de apenas 1,3% — registrou uma desaceleração significativa em relação não só ao primeiro trimestre de 1993, como também ao último trimestre do ano passado, quando a economia entrou em rota de expansão.

Mas apesar do desempenho menos expressivo verificado entre abril e junho, os economistas estão otimistas quanto a repetição, nesse semestre, da taxa de crescimento dos primeiros seis meses. Carlos Langoni, do Centro de Economia Mundial da Fundação Getúlio Vargas, acha que a economia deve continuar em expansão até o final do ano, em razão, principalmente, da indústria automobilística. É que, segundo ele, a volta dos consórcios de automóveis irá estimular o setor, que tem um grande efeito de impulsionar outros setores.

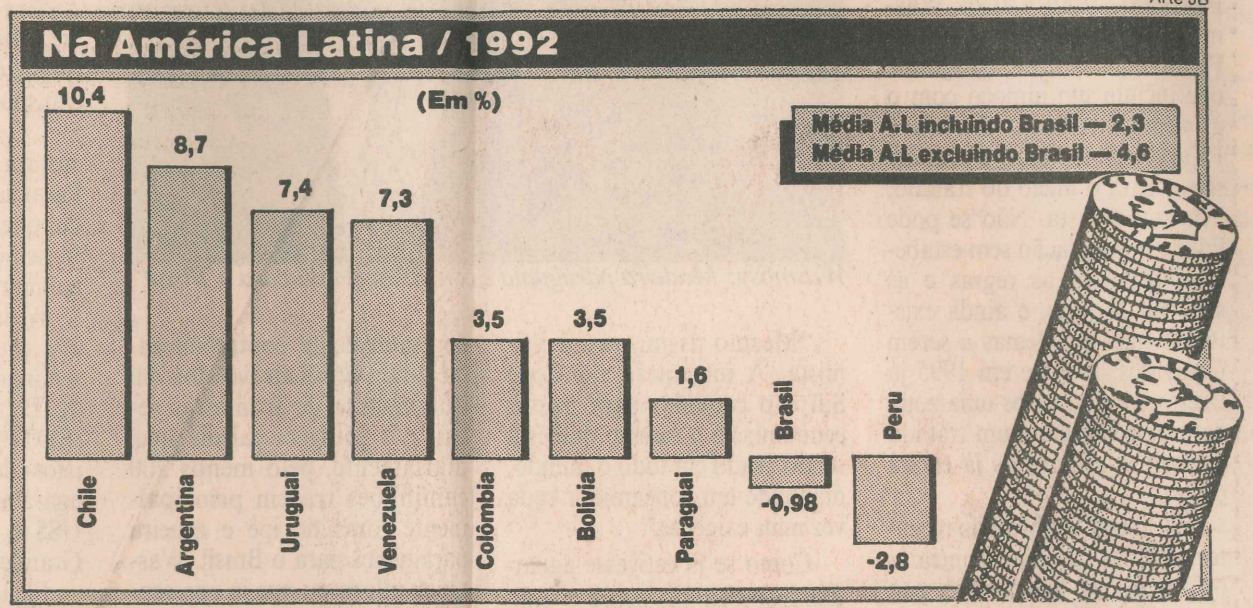
Juros — Sérgio Werlang, diretor de ensino de Pós-Graduação da FGV, acha que o maior estímulo ao crescimento foi a redução das taxas de juros, que devem permanecer em patamares compatíveis com a manutenção do crescimento do PIB até o final do ano.

Outra avaliação dos economistas é de que a recuperação econômica não é responsável pela alta na inflação. “O processo de crescimento está dissociado das taxas de inflação. A subida nos preços ocorre muito mais pelo desequilíbrio das contas públicas e pelas expectativas de mudanças na política econômica do que pelo crescimento”, estima Edward Amadeo, da PUC do Rio.

Mas, se o setor público ainda não se ajustou, o mesmo não ocorre com o setor privado. Langoni ressalta que ao contrário do que ocorreu no México, Chile e na Argentina, que vêm registrando crescimentos basicamente em função dos ajustes no Estado, no Brasil o crescimento é resultado do esforço do setor privado em melhorar seu desempenho, aumentar a produtividade e reduzir custos. De qualquer forma, a economia brasileira é a que vem registrando as piores taxas de crescimento dos últimos anos, perdendo apenas para o Peru, o que tem puxado para baixo a média do PIB da América Latina.

Indústria — A recuperação da economia esse ano foi impulsionada principalmente pela reativação da indústria. Pelo terceiro trimestre consecutivo, de acordo com os dados do IBGE, a indústria de transformação manteve-se em expansão, com crescimento de 14,37% nesse período. Os resultados acumulados no primeiro semestre mostram que o setor excedeu, em média, 10,89% sua produção em igual período de 1992. Os destaques foram segmento de consumo de bens duráveis, em especial automóveis e eletroeletrônicos, e de alguns ramos da indústria de bens de capital.

Além da redução das taxas de juros, que diminuíram os custos de produção e influenciaram na compra de bens duráveis, o IBGE aponta como fatores de reativação da economia o revigoramento do consumo interno, provocado pela elevação do poder de compra dos salários, da estabilidade no emprego e do aumento da renda agrícola decorrente das boas condições de comercialização da safra. Também teve impacto positivo o setor exportador. O de serviços cresceu 3,5% no segundo trimestre; o comércio aumentou 8,76% e as comunicações, 10,81%. As taxas de crescimento, contudo, ainda não garantem que o país saiu da recessão.



SUPER-PROMOÇÃO

CLAPPY-SHARP

Preço assim ninguém copia!

COPIADORA SF-7370
5.000 CÓPIAS / MÊS
AMPLIA E REDUZ

Copiadoras

Brasil aumenta inflação dos subdesenvolvidos

ANA MARIA MANDIM

Correspondente

WASHINGTON — “Em muitos casos, como na Argentina, Brasil e Uruguai, a inflação crônica dura várias décadas. Os países lutam contra a inflação crônica criando mecanismos indexatórios; mas, ao tornar a inflação mais tolerável, esses mecanismos diminuem a vontade política para erradicá-la e a alta inflação se torna um traço da paisagem econômica”, observa o Fundo Monetário Internacional (FMI) no relatório em que faz previsões sobre a economia mundial para este ano e o próximo.

O Brasil se inclui no pequeno grupo, integrado por Argélia, Nigéria, Zaire, Quênia e Sudão, responsável pelo aumento da inflação média do conjunto dos países subdesenvolvidos para 43,75% este ano. Em 1994, segundo o Fundo, essa média cairá para 34,75%.

América Latina — Especificamente na América Latina, a alta inflação crônica do Brasil contribuirá para que a inflação média da região fique acima de 220% este ano. Excluindo o Brasil, a inflação média latino-americana, de 23% em 1992, cairá para 16% este ano e, novamente, para 11,5% no ano que vem.

Numa análise comparativa das dificuldades para controlar a inflação crônica e a hiperinflação, o FMI observa que esta última é, paradoxalmente, mais fácil de combater porque mobiliza rapidamente apoio político para medidas drásticas. No outro caso, além da inflação inercial embutida na indexação, “o público, normalmente, é cético a novas tentativas, principalmente quando existe uma história de esforços de estabilização fracassados”.

Ásia — Os países subdesenvolvidos crescerão 5,5% em 1994, pouco menos que os 6% previstos para este ano, graças, especialmente, ao desempenho das novas economias industrializadas da Ásia — Coreia, Hong Kong, Formosa, Cingapura, China e, mais recentemente, Indonésia, Malásia e Tailândia — e muito devido às economias da América Latina.

O Brasil é o país subdesenvolvido do Hemisfério Ocidental com maior previsão de crescimento para 1994 — 4% —, enquanto a taxa média de expansão da região é estimada em 3,5%. Chile, Argentina, Venezuela e México têm igualmente projeções positivas, embora menores que a brasileira.

Superávit — Também o Brasil será o único, entre os subdesenvolvidos do hemisfério, a registrar superávit em suas contas externas este ano, devido ao saldo da balança comercial, diferenciando-se de Argentina, México e Venezuela, onde um avultado déficit nas contas correntes coexiste com uma significativa entrada de capitais externos.

Em contraste com esse panorama, são negativas, literalmente “abaixo de zero”, as previsões de crescimento para os países industrializados. “1993 marca o quarto ano consecutivo de performance negativa para a economia mundial e as indicações de uma retomada em 1994 ainda são conjecturas”, afirma o FMI, que aguarda com “cauteloso otimismo” um fortalecimento gradual da economia do Japão, da Europa Ocidental e da América do Norte, em consequência de medidas para conter a inflação e reduzir o desequilíbrio fiscal.